

O SUJO E O LIMPO NAS CONCEPÇÕES DE RISCO NA VIGILÂNCIA DE ALIMENTOS

DAMIANA PAULA COELHO CARVALHO – BIC/CNPQ – BACHARELADO EM SAÚDE COLETIVA UFRGS

TATIANA ENGEL GERHARDT – ORIENTADORA – BACHARELADO EM SAÚDE COLETIVA UFRGS

INTRODUÇÃO - O presente estudo se insere no projeto “Doenças Crônicas Não Transmissíveis e o Planejamento em Saúde: os desafios da Região Metropolitana de Porto Alegre/RS”, na análise sobre o sujo e o limpo nos serviços de alimentação de territórios do município de Porto Alegre por meio de imagens. Apresenta um ensaio de narrativa visual a partir de imagens que retratam que o que pode ser “limpo” para algumas pessoas, muitas vezes é considerado “sujo” pela vigilância de alimentos; o que pode ser um risco (perigo) à saúde da população, pode depreciar outros padrões e valores associados à qualidade dos alimentos. A ideia é discutir, a partir da produção de imagens, a noção hegemônica de risco no campo da Saúde Coletiva, o que não significa negar os riscos e tampouco a necessidade de “controle sanitário” dos alimentos, mas sim de refletir sobre a supervalorização do conceito atual de risco sanitário como a única e mais importante preocupação na produção de alimentos.

OBJETIVOS - Construir uma narrativa visual sobre o risco na vigilância de alimentos em serviços de alimentação de territórios de Porto Alegre, por meio de reflexões sobre as relações entre o sujo e o limpo, a pureza e o perigo no cotidiano de trabalho em serviços de alimentação.



METODOLOGIA - Adotou-se o método de produção audiovisual. Na pré-produção, o roteiro foi afinado a partir de incursões nos serviços de alimentação de territórios de Porto Alegre, ao longo do Estágio Curricular obrigatório do Curso de Saúde Coletiva, na equipe de alimentos da CGVS-POA. Na produção, foram capturadas imagens dos ambientes (cozinhas industriais, mini-mercados, cozinhas de hospitais, escolas, etc). Essas imagens captaram práticas de trabalhadores destes espaços em relação à manipulação e produção de alimentos (ações, olhares, gestos, objetos ou pessoas externas à ação principal) dando visibilidade a um conjunto de não-ditos. Esta etapa foi registrada em um diário de campo fotográfico. Na pós-produção, o sujo e o limpo, a pureza e o perigo são o fio condutor da narrativa visual e as imagens geradas subsidiam a análise interpretativa. O pano de fundo da construção da narrativa fotoetnográfica foram os conceitos de “limpo e sujo”, por Georges Vigarello e “pureza e perigo”, de Mary Douglas.



RESULTADOS - 'Narrativa fotoetnográfica', apresenta uma pequena imersão nos ambientes dos serviços de alimentação de territórios de Porto Alegre. Nestes locais, trabalhadores manipuladores de alimentos convivem com a linha tênue que separa suas experiências pessoais e domésticas em relação à manipulação de alimentos em suas casas e as 'boas práticas' preconizadas pela vigilância sanitária. Neste sentido, concepções sobre o limpo e o sujo e pureza e perigo se interlaçam às práticas executadas, que podem atender aos critérios da normatização sanitária mas que nem sempre são consideradas um risco à saúde da população por quem as realiza.



CONSIDERAÇÕES FINAIS - A produção científica sobre a temática do sujo e do limpo evidencia uma diferença de olhares no que tange a segurança alimentar e a manutenção da cultura. O registrado neste trabalho mostra que há diferentes olhares entre aquilo que seria efetivamente um risco à saúde da população. A valorização do multiculturalismo, da diversidade e da singularidade das formas de produção dos alimentos, tal qual previsto na RDC49/2013 - *Inclusão Produtiva com segurança sanitária*, demanda que a noção de risco seja problematizada e contextualizada, levando em consideração não somente os aspectos-técnicos normativos, mas também os hábitos culturais associados às formas de produção e consumo de alimentos. Neste sentido, a abordagem assumida pela vigilância é baseada no bom senso e na sensibilidade social. Os saberes e fazeres tradicionais, por sua vez, são valiosos e preservados também pelo Estado, conforme Decreto nº 3.551/00, que cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial.